

## A LITERATURA DEPOIS DO FIM EM O MUNDO DESDOBRÁVEL, DE CAROLA SAAVEDRA<sup>1</sup>

Vanessa de Andrade<sup>2</sup>  
Nilcéia Valdati<sup>3</sup>

**Resumo:** O tema desta pesquisa centra-se nos caminhos que Carola Saavedra propõe para se pensar os conceitos de literatura em seu livro de ensaios *O mundo desdobrável – ensaios para depois do fim* (2021), marcando, assim, outras formas de se pensar ou mesmo repensar a literatura considerando as memórias individuais e coletivas e a ancestralidade. Como objetivo, pretendemos verificar no livro como a literatura é atravessada por não saberes, assim como identificar as forças do literário que foram apresentadas nos ensaios, bem como identificar os elementos que contribuem para a formação de outros caminhos para a literatura. A análise deu-se com base em autores como Agambem (2017), Candido (2004), Castagnino (1969), Compagnon (2009), Eagleton (2006), Fuks (2021), Garramuño (2014), Piglia (2004), entre outros. O artigo está dividido em duas partes, na primeira, retomamos os conceitos que a literatura já dispõe para o seu campo; na segunda, acompanhamos o desdobramento para o literário proposto pela autora. Os resultados indicam que o pensamento de Carola não se prende em conceituar a literatura ou definir o seu poder, porque, ao desdobrar o mundo, deixa evidente outras possibilidades e forças para o que se chama literatura, marcada, principalmente, por não saberes.

**Palavras-chave:** Crítica literária contemporânea; Literatura contemporânea; Ensaio; Carola Saavedra.

### LITERATURE AFTER THE END IN THE UNFOLDING WORLD, BY CAROLA SAAVEDRA

**Abstract:** The theme of this research focuses on the ways that Carola Saavedra proposes to think about the concepts of literature in her book of essays *O mundo desdobrável – rehearsals for after the end* (2021), thus marking other ways of thinking or even rethinking literature considering individual and collective memories and ancestry. As an objective, we intend to verify in the book how literature is crossed by not knowing, as well as identify the literary forces that were presented in the essays, as well as identify the elements that contribute to the formation of other paths to literature. The analysis was based on authors such as Agambem

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste artigo foi desenvolvida como trabalho de conclusão de curso de graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, no ano de 2022.

<sup>2</sup> Mestranda da Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: [vanessaferreira2024@gmail.com](mailto:vanessaferreira2024@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora Doutora na Universidade Estadual do Centro Oeste. E-mail: [valdati@gmail.com](mailto:valdati@gmail.com).  
<https://orcid.org/0000-0001-6145-3618>

(2017), Candido (2004), Castagnino (1969), Compagnon (2009), Eagleton (2006), Fuks (2021), Garramuño (2014), Piglia (2004), between others. The article is divided into two parts, in the first, we revisit the concepts that literature already has for its field; in the second, we follow the literary development proposed by the author. The results indicate that Carola's thinking is not limited to conceptualizing literature or defining its power, because, by unfolding the world, it makes other possibilities and forces evident for what is called literature, marked, mainly, by not knowing.

**Keywords:** Contemporary literary criticism; Contemporary Literature; Rehearsal; Carola Saavedra.

## Introdução

*Em meio ao caos  
Surge um ponto de escape  
Tudo se transfigura  
A essência se desdobra  
O erudito se constrói  
E a escrita se desconstrói*

Já parou para imaginar qual é o seu papel no mundo? Até onde conseguimos ir? Essas são perguntas difíceis de serem respondidas pelos humanos, sabemos que o único destino certo para todos é a morte, independente de classes, raças e etnias. Os profissionais das letras recebem perguntas tão difíceis quanto essas e passam boa parte de suas vidas tentando respondê-las, sejam eles escritores, editores, pesquisadores ou professores. Uma das perguntas mais recorrentes feitas pelos alunos, independentemente do nível de ensino é: “Por que eu tenho que aprender sobre literatura? Para que ela serve? Qual o seu papel?”. Inúmeros pesquisadores já tentaram definir ou conceituar o que vem a ser literatura e qual é a sua função no mundo.

A literatura possibilita, dentre tantas outras coisas, ler o mundo a partir de diferentes perspectivas. O leitor pode ser transportado para um mundo totalmente diferente do seu e passa a trilhar outros caminhos. Além disso, a literatura também pode ser entendida como um mecanismo de transformação social, assim como um saber pela educação, ajudando-nos a compreender diversos conceitos e temas, línguas e linguagens. Acrescenta-se à lista, o entretenimento e o lazer que a literatura pode trazer ao leitor. Mas o que compõe a literatura?

Se a literatura é um deparar-se com possibilidades, este só aumenta quando as noções do literário são expandidas. Ao adentrarmos no universo de *O mundo*

*desdobrável* (2021), de Carola Saavedra, veremos o que é e o que pode a literatura, assim como pensaremos em outras funções, pois ela é atravessada por outros saberes, ou não saberes, como prefere Saavedra, enfim, outras maneiras de existências.

Há muitas formas de nascer, e todos nascemos muitas vezes e de variadas formas, uma delas é através da literatura, a literatura como (re)criação do mundo, como transformação do indivíduo e da sociedade. (SAAVEDRA, 2021, p. 187)

A escritora, professora e pesquisadora Carola Saavedra, autora também de *Do lado de fora* (2005); *Toda terça* (2007); *Flores azuis* (2008), ganhador do prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA); *Paisagem com dromedário* (2010), ganhador do prêmio Rachel de Queiroz; *O inventário das coisas ausentes* (2014); *Com armas sonolentas* (2018); *Um quarto é muito pouco* (2022) e *O manto da noite* (2022) seu romance mais recente, mobiliza constantemente a desconstrução de um certo paradigma literário, mostra uma abertura na construção dos textos. Em suas pesquisas, observamos a ênfase da arte, da literatura feminina e da literatura indígena no Brasil atualmente.

Em *O mundo desdobrável – ensaios para depois do fim* (2021), Carola monta uma série de ensaios que vão conversar com um mundo em colapso, trazendo à tona temas como ancestralidade, fim do mundo, permacultura, psicanálise, literatura indígena e literatura produzida por mulheres. Além disso, propõe reflexões sobre o romance moderno, como também sobre alguns autores, dentre eles vale destacar Hilda Hilst, Carolina Maria de Jesus e Juana Inés de la Cruz.

Com isso, interessa-nos nos ensaios de Carola Saavedra (2021), verificar como a literatura é atravessada por não saberes e outras formas desdobráveis de linguagem; como identificar as formas e forças da literatura apresentadas nos ensaios, e também identificar os elementos/argumentos apontados nos ensaios como constituintes do que seria a literatura. Para estes fins, há um movimento de análise que busca dialogar com referenciais fundamentados em teorias que expressam os conceitos utilizados para pensar a literatura, como Eagleton (2006), em *O que é literatura?*, Campagnon (2009) com *Literatura para quê?* e Castagnino (1969) com *O que é literatura?*, bem como Candido (2004), em *O Direito à Literatura*. Ainda trouxemos à baila, Ricardo Piglia (2004) com *Formas breves*, Agamben (2017), com *O aberto*, e Florença Garramuño (2014), com *Frutos estranhos*.

Para adentrarmos no livro de Saavedra, precisamos compreender melhor a forma como a literatura é pensada pela teoria literária, pois é com e contra essas noções que Carola construirá seus ensaios. A teoria literária traz pressupostos que tentam explicar: o que se chama de literatura, ou melhor, o que é literatura? Quais são seus critérios de valor? Na maior parte das vezes, a literatura é reconhecida como textos que possuem traços distintos e nos instigam a elaborar uma relação entre autor, fontes motivadoras da obra, quadro histórico-cultural e linguagem. Compagnon (2003) comenta que a teoria tem um grande papel, o de protestar:

[...] incomoda, ela é o *protervus* (o protestante) da velha escolástica [...] a teoria quer saber o preço. Não tem nada de abstrato, faz perguntas, aquelas perguntas sobre textos particulares com os quais historiadores e críticos se deparam sem cessar [...] a teoria lembra que essas perguntas são problemáticas, que podem ser respondidas de diversas maneiras: ela é relativista. (COMPAGNON, 2003, p. 22-22)

Pela teoria literária, construímos noções sobre a posição da literatura. Como sugere Compagnon (2003), há cinco elementos que compõem a literatura: para que ela exista é indispensável haver um autor, um livro, um leitor, uma língua e um referente, no entanto somente isso não define a literatura. Antonio Candido (2004), ao discutir o direito à literatura, lembra que durante todo o dia nós, seres humanos, usamos e abusamos da literatura, pois não conseguimos nos desvencilhar dela; trata-se de uma necessidade do homem e está presente em muitos momentos do seu dia, assim como a matemática, e isso faz dela uma necessidade a qual se constitui em um direito.

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação [...] ela se manifesta desde o devaneio amoroso ou econômico no ônibus até a atenção fixada na novela de televisão ou na leitura seguida de um romance. (CANDIDO, 2004, 176-177)

Por este motivo, ela é indispensável em nossa vida, seja ela prestigiada (sancionada), perseguida, ou ainda empenhada em dialogar com as necessidades/dificuldades da sociedade. Entretanto, ela traz um grande questionamento: o que vem a ser literatura? É aquela encontrada em livros, é aquela que conta fatos fictícios? Se formos levar em consideração estes critérios, estamos apagando da história os romances de cavalaria, por exemplo, eles por sua vez contam histórias vividas pelos cavaleiros da época, ou seja, esse ato delimitaria a literatura e esse não é o objetivo dela.

Compreende-se sob o nome de literatura a reunião de um conjunto de obras, em prosa e verso. Esta palavra significa, primitivamente, o alfabeto e a arte de desenhar letras. Aplicava-se também à gramática propriamente dita e depois aos conhecimentos literários em geral. Finalmente, e por excelência, às obras literárias das quais se pode honrar uma nação (JULLIEN, 1863 *apud* CONTAGNINO, 1969, p.20-21)

A retomada por Constantino (1969) do pensamento de Jullien (1863) deixa ainda evidente que o pensar a literatura durante muito tempo esteve ligado a uma noção do Romantismo, em que a ideia de nação predominava. Essa definição acaba excluindo outros sentidos dados à literatura, como obras compostas para emocionar, as quais irão refletir em nosso espírito/alma; a literatura como ciência e arte; literatura como estudo contínuo da linguagem; literatura como oráculo; a literatura como veículo de expressão artística e cultural. Eagleton (2006) marca em seu capítulo “O que é literatura?”, do livro *Teoria Literária*, que existem inúmeras tentativas de definir a literatura, ela vai contra a fala comum e em muitas vezes “trata-se de um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material” (EAGLETON, 2006, p. 3).

As primeiras contribuições para a definição da literatura surgiram com o Formalismo Russo, em 1914, quando um grupo de estudantes da Universidade de Moscou criou o Círculo Linguístico de Moscou (CLM) elegendo, dentre seus objetivos principais, a compreensão da poética e da linguagem. As ideias formalistas surgiram nos primeiros anos do século XX, na Rússia, e foram lideradas por Vitor Sklovsky, Boris Eichenbaum, Boris Tomashevski, Roman Jakobson, Osip Brik e Yuri Tynyanov. Esses intelectuais foram pioneiros no estudo de narrativas literárias. O trabalho deles se concentrou na análise de textos a partir de um ponto de vista estrutural, como a estrutura da linguagem. Sua abordagem influenciou a crítica literária e o estudo das artes até os dias de hoje. Eles inauguraram as possibilidades de análise da literatura

compreendida como um sistema autônomo e na identificação de elementos estruturais como narrador, personagens e estilo.

Os formalistas procuraram desenvolver uma teoria sobre a estrutura e o funcionamento da forma literária “o conteúdo era simplesmente a "motivação" da forma, uma ocasião ou pretexto para um tipo específico de exercício formal” (EAGLETON, 2006, p. 4). Essa cientificidade se dava através de um estudo aprofundado da forma literária, como o estudo de técnicas narrativas, estrutura poética, figuras de linguagem, estilos, entre outras. Porém, essa preocupação com a estrutura da linguagem imposta pelos formalistas russos não era suficiente, ainda faltava algo. Na medida em que o pensamento e as ideias do autor não eram levados em consideração, não tinha como considerar a obra literária como uma continuação da expressão do autor. Com o passar do tempo, as concepções foram mudando e a obra passou a ser uma reunião de funções e artifícios.

Os "artifícios" incluíam som, imagens, ritmo, sintaxe, métrica, rima, técnicas narrativas; na verdade, incluíam todo o estoque de elementos literários formais; e o que todos esses elementos tinham em comum era o seu efeito de "estranhamento" ou de "desfamiliarização" (EAGLETON, 2006, p. 5)

Um outro ponto importante para os formalistas eram os desvios, que poderiam mudar conforme o contexto social e histórico no qual estavam envolvidos, isto é, a “‘estranheza’ de um texto não era garantia de que sempre houvesse sido, em toda parte, ‘estranho’: “era-o apenas em contraposição a um certo pano de fundo linguístico normativo, e, se este se modificava, um tal fragmento escrito poderia deixar de ser considerado literário.” (EAGLETON, 2006, p. 8) Com isso, percebemos que os formalistas não estavam tentando descrever a literatura e sim a literariedade, e ela nada mais era que um conjunto de características que permitia considerar um texto como literário.

Para Eagleton (2006) não conseguimos categorizar a literatura, mas, então, como podemos descrever a literatura? Ou como a literatura pode pensar-se literatura? Candido (2004) sugere pensarmos a relação entre o texto, o narrador e o autor que, juntos, produzem a literatura. Em que pese sua relevância e coerência, entendemos que esses conceitos não dão mais conta de descrever a literatura conforme argumenta Saavedra (2021). Ela propõe que olhemos como a literatura se pensa: como uma narrativa perpassada por saberes e não saberes, os quais a desdobram em outros caminhos.

## Desdobrando a literatura

*O mundo desdobrável: ensaio para depois do fim* é um conjunto de ensaios produzidos por Carola Saavedra durante o primeiro ano da pandemia que assolou o mundo, tanto que muitos dos seus escritos são voltados para um mundo em colapso, um mundo que está se desdobrando para sobreviver. A obra é dividida em nove partes, as quais nem sempre têm uma sequência ou fazem sentido com as anteriores, porém tudo parece estar interligado, pois os assuntos voltam a ser tratados, seja em algumas notas mais adiante ou num próximo capítulo.

Se a partir da constatação de que passamos por uma espécie de apocalipse, em termos globais, a obra de Carola articula a forma como o ser humano lida com o que seria objeto concreto, com a natureza, com a exploração e a dominação da natureza, uma série de problemas de níveis ecológicos, como a incursão da autora nos ensaios tenta desvendar o lugar da literatura em um mundo que vai ter que se reinventar? Em um primeiro olhar, a literatura é colocada enquanto uma força do saber que é capaz de mover o mundo, de pensar a realidade, de perscrutar certas situações, dilemas sociais e conflitos em um mundo com tantas outras necessidades, tantas outras urgências. Em um segundo, ao observarmos o caminhar dos ensaios de Carola, podemos contar que isso seria como uma esperança, assim como o título sugere: *ensaios para depois do fim*. Podemos então pensar que a nomeação ensaio está menos ligada ao gênero e mais a uma ideia de ensaiar o que vem depois de um acontecimento que coloca em suspensão a vida e o mundo como o conhecemos.

Nessa maneira de ensaiar de Carola, que amplia sua própria voz, vamos nos deparar com o texto “O eu não é mais senhor do próprio texto”, uma mistura textual na qual durante os relatos e curiosidades contadas por Carola, podemos ver os diálogos de um paciente com o seu analista e mais adiante uma entrevista com Clarice Lispector. Temos aí um ensaio expandido, que ultrapassa os limites do ensaio acadêmico e marca uma instabilidade na categorização do gênero. Garramuño (2014) comenta em seu livro *Frutos estranhos* que,

a literatura expandiu seu meio ou suporte para incorporar de modo crescente, outras linguagens no interior de seu discurso [...] Além disso, mesmo quando os textos não recorram a uma indiferenciação tão marcada com o respeito a outras ordens, também num número cada vez maior de textos literários uma série de perfurações em seu interior – o esvaziamento da categoria de personagem, por exemplo; A desestruturação da forma romance, na ficção; os modos de estabelecer certas continuidades entre poesia e prosa como discursos identificados - fizeram explodir do interior da

literatura a possibilidade de definir tanto a literatura em geral com os gêneros e modalidades discursivas em particular a partir de uma especificidade que, mesmo em processo de construção, tivesse pelo menos um sentido provisório ou limitado ao texto em questão (GARRAMUÑO, 2014, p.87-88).

Embora Garramuño cite como exemplos o "esvaziamento da categoria de personagem" e a "desestruturação da forma romance", a noção de perfuração no interior de como literatura se elabora é vital para movimentarmos os ensaios de Carola, bem como de sermos movimentados por eles. Assim, como Garramuño (2014), Saavedra (2021) chama a atenção para a mudança do papel, com o passar do tempo, do autor e da escrita, que buscam outras formas de pertencimento. O autor não é um gênio solitário, há um mundo de relações que fazem com o livro chegue até o leitor, assim, Saavedra (2021) propõe que o livro seja um acontecimento no mundo.

Gosto de pensar no livro como um hiperobjeto, o livro não apenas como algo que guardamos na estante, mas um acontecimento que inclui uma série de pessoas: autor, editor, revisor, capista, artista que pintou o quadro que serve de imagem de capa. E depois do lançamento: livreiros, os leitores do livro, que, com sorte, podem se estender por décadas, com mais sorte ainda, ainda mais. Todas as leituras e todas as vidas que o livro afetou, transformou, tocou, os amores e ódios que suscitou, as resenhas, os posts nas mídias sociais, depois as traduções, tradutores, outras leituras, o livro e tudo o que reverbera na vida do autor, as pessoas que ele encontra, os eventos, as dedicatórias, os amores, às vezes transposições para o cinema ou o teatro, as atrizes, os atores, os cenários. (SAAVEDRA, 2021, p. 19)

Desta forma, ao voltarmos o olhar sobre o objeto *O mundo desdobrável*, vemos que ele se coloca como um pequeno universo em si, que poderá ecoar através do tempo e influenciar vidas de maneiras que talvez nem a autora pudesse prever. Um simples objeto físico poderá se tornar um hiperobjeto, conectando pessoas, experiências e emoções ao longo dos tempos. A noção de "depois", presente no subtítulo, ancora a ideia de que o livro é uma entidade viva, que se ramifica à medida que interage com o mundo ao seu redor. Mas afinal, o que há nele para produzir ramificações, ou ainda, o que vem a ser literatura? É a pergunta que ecoa nos ensaios de Saavedra.

Afinal, o que é literatura? Sinônimo de uma narrativa de caráter ficcional? Estaria atrelada à palavra escrita? Um poema declamado e nunca escrito seria por isso menos literatura? Estaria atrelada a algum tipo de formato como poesia, romance, contos? Ou dependeria muito mais do leitor do que do texto em si? Literatura seria simplesmente tudo aquilo que se lê como literatura? Mas, se por um lado trata-se de um conceito de difícil definição, por outro, costumamos ter uma ideia muito clara do que é. Literatura é aquilo que nos obrigam a ler na escola, um texto escrito com valor estético. Ponto final. Talvez devêssemos começar com o conceito de valor estético: quem define esse valor? É dado por algum ser divino? Pelas musas? Pela sociedade? Tirando possíveis influências místicas no processo criativo, e não as recuso, a definição do que é ou não literatura é dada pela sociedade. O problema é que muitas vezes esquecemos que a sociedade que dá valor a certas obras não é a mesma sociedade de outras culturas, ou até mesmo do vizinho da esquina. Ou seja, parece óbvio dizer, mas tem de ser dito: literatura é algo definido por uma sociedade específica num tempo específico, destinado a um público específico. Nesse sentido, a literatura da forma como nós a vemos é um texto escrito com valor estético definido por nós. Mas quem somos “nós”? (SAAVEDRA, 2021, p. 167-168)

A pergunta que encerra o fragmento indica um caminho que Carola traça e tenta percorrer rumo a uma literatura que se abre para a inclusão de sujeitos e maneiras de existência e de suportes. Para isso, nos ensaios, a autora atua de forma mais abrangente, apresentando um novo cenário, em que é necessário considerar a degradação do ambiente, o colapso das mais diferentes esferas ideológicas, políticas e ecológicas. Ela busca desconstruir a imagem do autor como sujeito absoluto, superior, inatingível, assim como busca ampliar os conceitos sobre a escrita, não mais como um objeto dominado pelo autor, mas talvez como parte dele, e isso acaba indo em uma direção diferente de determinadas concepções sobre o literário, como as dos formalistas russos. Essa preocupação com a desconstrução marca uma literatura em expansão, fora de si, como já vimos com Garramuño (2014), tanto que isso é marcado pela escritora logo no prólogo.

Este não é um livro de ensaios no sentido tradicional do termo, tampouco há uma ideia apresentada e desenvolvida de forma linear e nem mesmo uma tentativa de defender uma tese ou convencer. Talvez este livro se aproxime mais de uma longa conversa, fragmentos que

se estendem no tempo da escrita e no espaço das páginas [...] talvez a melhor metáfora seja o jogo, um ensaio modelo-para-armar, com várias peças (SAAVEDRA, 2021, p. 9)

Assim como Julio Cortázar tem um modelo para armar<sup>4</sup> a literatura, Carola também arma o seu jogo, onde a narrativa é composta por fragmentos que o leitor deve montar. Essa metáfora do jogo é crucial, pois implica que a literatura não é um produto final, mas um processo contínuo de construção e reconstrução, tanto pelo autor quanto pelo leitor. O leitor, desta forma, se torna um cocriador da obra, participando ativamente na sua interpretação e significado.

Como já mencionado, Saavedra busca compreender o poder que a literatura exerce sobre a vida dos sujeitos e, em seus ensaios, perpassados por referência e comentários, o leitor é conduzido a perceber que a literatura se constrói à margem do esperado e precisa ser rearmada para manter-se viva. Nesse jogo ensaístico, já experimentado pela autora em sua produção narrativa, por exemplo, no romance *Flores Azuis* (2008)<sup>5</sup>, observamos o borrar dos gêneros, a partir da mistura de cartas com a prosa, que juntos criam uma outra esfera de Romance Epistolar. Em *O mundo desdobrável*, a autora retoma a discussão sobre o borrar dos gêneros e dá nome a essa ação, chamando-a de “permatexto”, cuja ideia surge com base na permacultura.

Permacultura se refere a terra, vento, água, aquilo que alimenta a planta. Sem energia suficiente, nada funciona. Ou cresce uma planta raquítica. Na literatura acontece o mesmo. Para a escrita é necessário armazenar energia, o que, no caso, seriam os acontecimentos, as observações, as leituras, os silêncios. (SAAVEDRA, 2021, p. 92-93)

A permacultura trata da importância de cuidar da terra, plantando assim diversas espécies de plantas num mesmo espaço. Paralelamente, poderíamos pensar que a literatura é como a terra e as plantas, cujas criações produzidas nascem do emaranhado de muitos elementos armados numa espécie de jogo textual. E nesse permatexto desaparece a noção de gênero, pois, para continuar no campo da metáfora, seria como estar diante de uma monocultura.

---

<sup>4</sup> Há na citação de Carola Saavedra uma referência direta ao trabalho Julio Cortázar em *Jogo da amarelinha* (1963) e *62 modelos para armar* (1968).

Por que separar a literatura em gêneros? Isto é um romance, isto é poesia, isto é ficção, aquele ficção científica, biografia e assim por diante. Um permatexto seria assim um texto em que os diversos gêneros convivem e se retroalimentam, formando, como as plantas, um sistema autossustentável. (SAAVEDRA, 2021, p. 86)

Na tentativa de produzir uma literatura autossustentável, Saavedra busca não só falar sobre, mas também fazer uma literatura que assim se torne, desta maneira busca por outros saberes, principalmente, dos seus ancestrais indígenas, propondo assim uma visão mais onírica para a literatura, onde corpo, natureza e cultura se entrelaçam.

Ao tomar como pressuposto que a arte da escrita é dar significado para aquilo que não é dito ou não quer ser escutado, Saavedra (2021, p.146) atesta que “a literatura nos afasta do mundo ao mesmo tempo que nos reintegra a ele, tornando-o mais compreensível e suportável”. Nessa perspectiva, seus ensaios sugerem pensar por outro ângulo, um outro olhar, outras trajetórias. Se ao longo dos séculos, as narrativas latino-americanas se preocuparam em falar sobre a herança dos colonizadores, deixaram de lado uma parte muito importante da história, a do colonizado, sua forma de vida, sua herança cultural, seu modo de entender a natureza, a religião e explicar o mundo. Desta forma, a nossa visão é muito voltada para as lentes do colonizador, pela lente do eurocentrismo, mas qual o lugar da literatura indígena ou quilombola?

Carola nos lembra que falar sobre literatura indígena não é algo simples, primeiramente porque as tradições destes povos não eram marcadas pela escrita, muito menos foram transcritas, a apropriação da linguagem escrita surgiu com a colonização e neste processo muitas das suas histórias se perderam. No ensaio “a caligrafia como coreografia”, temos acesso a excertos sobre uma literatura indígena que dialoga com o passado e, com isso, retoma o desdobrar deste mundo: “como a literatura trabalha com pontos de fuga e se desdobra em inúmeros significados, se há uma linguagem divina, talvez ela seja exatamente isso que os Guarani já sabiam, essa linguagem metafórica, poética. A poesia que nasce do sagrado” (SAAVEDRA, 2021, p. 40). Nesta consideração, notamos que a autora não renuncia a certos conceitos, entretanto, ela não está focada na caligrafia, que passa adiante suas histórias orais para a forma escrita, o enfoque é trazer à baila valores da tradição indígena, a coreografia, o corpo, a terra e, principalmente, a natureza.

Gosto de imaginar que literatura é toda linguagem metafórica, toda linguagem simbólica: nosso corpo, uma árvore, um sonho, todo gesto de interpretação a partir deles é literatura. Um corpo que dança é

literatura, a adivinhação do formato de uma nuvem. O filho que cresce no útero pode ser literatura. A voz que já não sai da garganta de um homem, uma planta que perdeu as flores, um rio, um vulcão. (SAAVEDRA, 2021, p. 41-42)

Carola deixa claro que sua linha de pesquisa é profundamente influenciada por saberes indígenas, algo que transparece fortemente em sua escrita e nas referências que utiliza para fundamentar seu pensamento, uma delas é de Ailton Krenak (2020 *apud* SAAVEDRA, 2021) ao afirmar que os povos indígenas não têm uma caligrafia, mas sim uma coreografia. O autor destaca a dança, a tradição oral e lembra que quando o indígena foi colocado no processo de escrita e leitura ocorreu um aparramento de suas raízes, por isso, muitos deles resistiram ao processo imposto pelos Jesuítas. Saavedra (2021, p.44-45), por sua vez, busca localizar “uma literatura que não está presa ao livro, à sua tradição, mas que dialoga com o corpo, com os espíritos, com os outros seres que povoam e fazem a terra. Uma literatura menos fincada no “eu””. Neste sentido, ganha ênfase uma literatura regada por outros saberes e não-saberes, movendo-se além do eurocentrismo e incorporando elementos essenciais das culturas indígenas. Isso se manifesta não só no conteúdo de sua obra, mas também na forma como ela organiza e apresenta suas ideias, criando um diálogo entre a tradição literária ocidental e as práticas culturais indígenas, como vemos na composição de seu livro *O manto da noite* (2022).

Neste sentido, Carola possibilita pensar em uma literatura para além do texto escrito. Há um outro universo, um mais abrangente, que produz muito mais do que literatura enquanto linguagem, poética, metafórica e forma de comunicação, pois utiliza-se de suas experiências, transita em diferentes abordagens estéticas e faz da literatura um elo entre passado, presente e futuro. Em *Romance: história de uma ideia*, Julián Fuks (2021), apesar de tratar diretamente sobre o gênero romance, traz uma consideração que se aproxima muito do pensamento de Carola: “o passado, mesmo que o escritor não perceba, age de maneira inelutável sobre o presente como uma força subterrânea que o afeta em todos os seus aspectos” (FUKS, 2021, p.4).

Carola procura cessar as divisões, concebendo uma literatura que não nega um aspecto ou outro e inaugura, assim, uma literatura integrativa, “uma literatura na qual os opostos, os diversos grupos, etnias e visões de mundo coabitam a palavra” (SAAVEDRA, 2021, p. 161). Agamben (2017), embora seja uma referência do pensamento ocidental permite estabelecer ecos com as ideias de Saavedra em *O mundo desdobrável*, aborda e discute em seu livro *O aberto: o homem e o animal* questões como: o que é o humano e o animal? A relação entre eles e a natureza? O que é a cultura? A percepção dos bichos, o conceito de comunidade e a ideia de que “ser humano” é algo natural. O livro tem como ponto de partida a noção de que não

há uma fronteira bem definida entre homem e animal. O autor argumenta que, ao contrário do que muitos pensam, a diferença entre eles não é tão clara quanto parece e, ao longo da leitura, o pensador italiano aborda diversos temas que visam demonstrar como é possível entender a natureza humana e a animalidade enquanto duas faces da mesma moeda. Desse modo, compreendemos que o homem existe durante o período em que está afirmando sua humanidade e negando sua animalidade,

[...] ele pode ser humano apenas na medida em que transcende e transforma o animal antropóforo que o sustenta, somente porque, por meio da ação negadora, é capaz de dominar e, eventualmente, destruir a sua própria animalidade. (AGAMBEN, 2017, p. 24)

Desta forma, se a linguagem é a marca identificativa do homem de tal forma que um não vive sem o outro, haja vista que a linguagem é uma produção desenvolvida pelo humano e tem um grande papel dentro da sociedade, ela é a chave para a transcendência de nossa animalidade. Por meio da linguagem, somos capazes de nos conectar com o mundo ao nosso redor e nos tornar conscientes de nossos próprios pensamentos e sentimentos. No entanto, a linguagem que interessa a Carola é a do sagrado: “as palavras têm alma. Como se o universo tivesse uma língua secreta, a linguagem do sagrado. Uma linguagem que não teme ser múltipla, ambígua, contraditória. E que está extremamente próxima da literatura ou, mais ainda, que faz da literatura, da poesia, sua fonte de saber” (SAAVEDRA, 2021, p. 46).

Da mesma maneira que a linguagem é complexa, a literatura também segue essa prerrogativa, pois a literatura não é um fenômeno estanque, é o resultado de um complexo sistema de interação entre a linguagem e a cultura, ou melhor, entre as linguagens e as culturas, no plural. De fato, a literatura pode ser entendida como uma forma de expressão cultural afetada por elementos históricos, sociais, políticos e culturais. Assim, encontramos na literatura, além da dificuldade de pensar outras linguagens de outras culturas ancestrais, um grande déficit no quesito literatura escrita por mulheres.

Carola se pergunta o tanto de literatura feminina que consumimos, quantos livros das nossas prateleiras foram escritos por mulheres? Ao observar que o percentual de literatura dita feminina é menor, a autora começa a questionar até mesmo o termo literatura feminina, uma vez que isso cria uma classificação diferenciada dentro da literatura. Devemos levar em consideração que essa categorização, embora possa parecer uma forma de reconhecimento, muitas vezes funciona como um obstáculo para a plena incorporação das mulheres no universo literário mais amplo. A categorização de "literatura feminina" pode perpetuar a ideia

de que as obras escritas por mulheres são de algum modo diferentes ou menos universais do que aquelas escritas por homens.

Primeiramente, ao abordar o déficit na literatura escrita por mulheres, Carola chama atenção para um problema sistêmico de exclusão e marginalização. A literatura, como campo de produção cultural, tem sido historicamente dominada por homens, e as obras de mulheres muitas vezes foi negligenciada ou subestimada. O contexto brasileiro revela um quadro de sub-representação e marginalização histórica das mulheres na literatura, refletido tanto na Academia Brasileira de Letras (ABL), quanto no cânone literário brasileiro, com uma simples busca na internet encontramos que na Academia Brasileira de Letras, apenas 10 mulheres ocupam ou já ocuparam cadeiras entre mais de 300 posições disponíveis, na atualidade temos apenas quatro lugares ocupados por elas e mais de trinta ocupados por homens. Essa disparidade ilustra a exclusão sistemática das mulheres dos círculos literários de prestígio e poder. A presença reduzida de mulheres sugere que, apesar dos avanços na luta pela igualdade de gênero, a literatura produzida por mulheres ainda enfrenta barreiras significativas de reconhecimento institucional.

Quando consideramos o cânone literário brasileiro, os nomes de mulheres que se destacam são relativamente poucos. Cecília Meireles, Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles são frequentemente citadas, mas esta lista limitada sublinha o déficit de reconhecimento das escritoras brasileiras. Esses nomes são excepcionais, mas a sua presença destaca o quão raro é para mulheres alcançarem um status canônico comparável ao de seus colegas homens.

No decorrer da obra, Carola dialoga com várias escritoras, dentre elas Hilda Hilst, Carolina Maria de Jesus e Juana Inés de la Cruz. Todas essas mulheres testaram a sua potencialidade, entretanto, encontraram muitos obstáculos, uma vez que sua criação literária era considerada como baixa literatura, narrativa supérflua, entre outras coisas. Carola busca, então, problematizar uma potencialidade do que seria essa escrita feminina, observando que se faz necessário tentar desdobrar esse universo e apresentar não apenas a literatura indígena que traz todo esse segmento de uma outra cosmogonia, mas também uma literatura do universo feminino que traz uma potencialidade oculta por trás de estereótipos. Fazer, assim, com que a mulher se torne audível e demonstrar que essa classificação do papel feminino é histórica e política, quebrando assim o pensamento binário.

[...] a literatura é também o âmbito da ambiguidade. É na literatura que se pode desconstruir o pensamento binário que permeia toda a nossa cultura, o pensamento do isto ou aquilo, se é homem ou mulher, hétero ou homossexual, bom ou mau, sujeito ou objeto, bandido ou mocinho, deus ou o diabo, o céu ou o inferno, a salvação ou o apocalipse. Contra um pensamento que apaga todas as demais possibilidades do

espectro, e não só isso que fossiliza o sujeito num tempo único e devastador. (SAAVEDRA, 2021, p. 70-71)

Então, de outro modo, a autora está pensando em roteiros de reconfiguração, ressignificação do conceito de literatura pela exploração de outros territórios, que não mais se sedimentam, se sustentam pela lógica binária do mundo moderno colonial e, pelo contrário, apontam para uma pluralidade de vozes que antes estavam ocultas sob a máscara da racionalidade, da subjetividade e da modernidade, rompendo com essa ótica do sujeito que controla o objeto.

Na última parte do livro, Carola desenvolve vários versos que buscam identificar o que vem a ser um mundo desdobrável. Cada estrofe começa com a sentença “no mundo desdobrável”, que enfatiza a existência desse mundo, assim como reflete sobre o processo de escrita, no qual o poeta pode ser expulso pelo seu poema. Tudo ali ganha voz e as coisas são e não são, as frases se transformam em outras frases,

no mundo desdobrável  
os seres  
são e não são  
são e são  
são ou não são  
sim e não  
sãos e salvos  
e nessa contração  
a noite se ilumina (SAAVEDRA, 2021, p. 199)

no mundo desdobrável  
tudo  
fala  
se inscreve  
na areia  
em pequenas estrelas cadentes que o mar levou (SAAVEDRA, 2021, p.200)

no mundo desdobrável  
o poeta  
é expulso  
pelo poema  
mola  
pássaro

serpentina  
de carnaval (SAAVEDRA, 2021, p.206)

Na concepção de Carola, não existe o conceito de indivíduo, mas sim de um nós, do coletivo, não se pode permitir que as concepções do eu e da individualidade se separem da natureza e assim atravessem a literatura. Pelo contrário, esse outro elemento proposto para a literatura é uma concepção do indivíduo que traz toda a carga, o peso, a memória, as lembranças das suas ancestralidades e que traz também todo um universo de conhecimento acumulado. Portanto, tem a ruptura com o “eu” e o nascimento do “nós” que não é apenas o indivíduo se relacionando com outros indivíduos, mas é um indivíduo dentro desse espaço, da natureza mais ampla, sendo ele também um elemento dessa natureza, uma natureza que também possui a sua forma e força de pensamento.

A autora proporciona aos leitores uma reflexão sobre o que pode ser nomeado de literatura e quais as suas potencialidades e, em meio as suas muitas faces, frisa que é necessário pensar além, ir contra modelos que não fazem mais sentido, igualar os pesos, falar do estranho, do incompreensível, e do não belo, sem se limitar a formas. O escritor argentino Ricardo Piglia (2004) enfatiza essas ideias ao comentar que as narrativas são pequenos experimentos contendo relatos, que lhe serviram como modelos de um mundo, “a literatura permite pensar o que existe, mas também o que se anuncia e ainda não é” (PIGLIA, 2004, p. 118).

No mundo desdobrável, apresentado por Carola, o sujeito é perpassado por saberes, não saberes e experiências, porém o processo criativo de um autor não deve ser encarado como fácil, há muitos trabalhos que levaram anos para serem concluídos. Em contrapartida, temos outros que foram escritos muito rapidamente, como *O mundo desdobrável*, que, conforme afirma Saavedra (2022), foi escrito num folego só e é marcado por todas as angústias e preocupações do isolamento pandêmico.

[...] eu tentava dar corpo, palavras, a uma realidade social e política que me parecia tão estranha, tão fugidia, e eu me perguntava a todo instante: e agora? Como viver agora? Como pôr palavras nesta vida? Como escrever ficção quando a vida parece ela mesma ficcional? Como retratar essa realidade que se recusa aos parâmetros do realismo? (SAAVEDRA, 2022, p.1)

Diante disso, percebemos que a aposta de Carola não está só em pensar o que é a literatura, mas principalmente em pensar a partir dela um mundo, que mesmo em

suspensão, precisa ser revisto, pelo seu cotidiano, pelas relações entre culturas e tempos, pelas marcas das memórias e das experiências, pela observação da vida e das brincadeiras das crianças.

Talvez observar uma criança brincando possa nos oferecer respostas muito mais interessantes do que os livros, a teoria e a própria razão. Talvez brincadeira e arte não sejam movimentos tão distantes um do outro – eu suspeito que são a mesma coisa, e que aquilo que chamamos arte e literatura nada mais são do que o brincar dos adultos. (SAAVEDRA, 2021, p. 167)

Um brincar que proporciona transformações, possibilita uma essência desdobrada, transforma o caos em beleza e viabiliza uma literatura por diferentes saberes e não saberes, aquela que vai além de conceitos e estilos, busca uma expansão da literatura, mas não excludente. Em certo sentido, os ensaios de Carola encontram pontos de contato com as ideias de Candido (2004), pois ambos veem a literatura como de extrema importância para sociedade, principalmente em um mundo em colapso e que precisa ser reinventado. No entanto, se, por um lado, a literatura transforma-se em uma esperança para depois do fim, por outro, torna-se dispensável.

Porque sem direitos básicos não há literatura, porque com fome, frio, violência e miséria não há literatura. Por isso, a desconstrução do cânone é um processo que exige, paralelamente, uma reconstrução da sociedade. Sem isso, a literatura será sempre um eco do poder, sem jamais assumir toda a extensão de sua beleza e humanidade. (SAAVEDRA, 2021, p. 174)

Observamos que a literatura emerge de uma necessidade, ela não existe isoladamente, ela parte dos sonhos e só poderá existir em uma sociedade que dê condições vida aos sujeitos que a compõem. Ao caminhar pelos ensaios de Carola, constatamos que a autora não quer responder a sua pergunta inicial “O que é literatura?” Como escritora, propõe caminhos para pensar, repensar, fazer, refazer, analisar e reanalisar a literatura e suas potencialidades, pois assim como o mundo, a literatura se desdobra.

**É preciso considerar que...**

O livro de Saavedra (2021) amplia o olhar sobre a literatura, enfatizando não só a história, mas também a importância da arte, da cultura e das ideias presentes na literatura. É importante notar que a autora também acredita que a literatura é um meio que ajuda a compreender e ler o mundo.

A obra de Carola não tem intuito de definir o que é literatura, apesar de fazer uso dessa pergunta, tanto que a própria autora salienta isso durante a entrevista de lançamento do livro. O escritor Itamar Vieira Junior a questiona sobre o assunto e ela enfatiza que seu objetivo é mostrar outras formas de literatura e, ao pensar outras formas de literatura, coloca em jogo o que é a literatura, e o que pode a literatura, em um dos trechos comenta que:

Quis trazer para essa estrutura uma outra forma de pensar que não é essa forma linear [...] mas de uma forma de pensar que vai, volta, onde o tempo é circular, onde as coisas não estão sempre andando para um futuro, mas elas vão, voltam, onde o saber se faz na contradição se faz na repetição, se faz no não saber. (LANÇAMENTO... 2022)

Mesmo não definindo a literatura, Carola deixa claro que não pode limitá-la, como o poder de um sujeito que controla um objeto. A literatura é um outro mundo, que se desdobra na permaescrita, nas variações de gênero, que viaja em um universo de outros saberes, que critica, que é rebelde e de resistência. É coletiva e perde o status de poder no sentido de acessível apenas aos mais eruditos, ela vai ao encontro da reconstrução social.

Neste sentido, os pensamentos de Carola Saavedra buscam mostrar outros caminhos para a literatura atravessados por outros saberes e por memórias, sejam elas individuais ou coletivas. Ou ainda, os ensaios evidenciam um campo em constante transformação, aberto às mais variadas e inesperadas possibilidades, como um espaço de encontro, desencontros e troca. Os ensaios de *O mundo desdobrável* apresentam questionamentos que em nenhum momento são respondidos de forma restritiva, conforme realça Eagleton (2006) em relação à literatura. São possibilidades que a autora encontra, entretanto, a forma como ela constrói e amarra suas ideias faz com que nós leitores abracemos essa ideia de uma permaliteratura, que usa e abusa do atravessamento das fronteiras e mobiliza as margens. E a literatura seria isso, um contínuo desdobramento de si e do mundo.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **O aberto**: o homem e o animal. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2017. Tradução de Pedro Mendes.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: \_\_\_\_\_. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 169-191.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Trad. Laura Taddei Bandini. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.
- CASTAGNINO, Raúl Héctor. **O que é literatura**. São Paulo: Mestre Jou, 1969. Tradução de Luiz Aparecido Caruso.
- EAGLETON, Terry. O que é literatura? In: \_\_\_\_\_. **Teoria da Literatura**: uma introdução. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1-24.
- FUKS, Julián. **Romance**: história de uma ideia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GARRAMUNÓ, Florença. **Frutos estranhos**: sobre a inespecificidade na estética contemporânea. Tradução de Carlos Nougué. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- LANÇAMENTO "O mundo desdobrável", de Carola Saavedra. Direção de Livraria da Travessia. 2022. (79 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Plo7g6-VmQ>. Acesso em: 10 jan. 2023.
- PIGLIA, Ricardo. **Formas Breves**. Brasil: Companhia das Letras, 2004. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo.
- SAAVEDRA, Carola. **O mundo desdobrável**: ensaio para depois do fim. Belo Horizonte: Relicário, 2021.
- SAAVEDRA, Carola. **Por uma escrita fora de si**: algumas notas sobre o processo criativo em "O manto da noite". Blog da Companhia, 2022. Disponível em: <https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Por-uma-escrita-fora-de-si-algumas-notas-sobre-o-processo-criativo-em-O-manto-da-noite>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Submetido em: 30/11/2023

Aceito em: 04/06/2024